

SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Capacidades de argumentação

Vitória Maria Vieira Silva · Ana Sílvia Moço
Aparício

Silva, Vitória Maria Vieira.

Sequência didática do gênero artigo de opinião:
capacidades de argumentação / Vitória Maria Vieira Silva;
Ana Sílvia Moço Aparício.


ISBN: 978-65-02-03665-5.

Assuntos: 1. Sequência didática. 2. Artigo de opinião. 3.
Capacidade de argumentação. 4. Estudantes. 5. Ensino
médio.

Sumário

Apresentação	4
O ensino da produção de texto no Brasil	6
Argumentar: uma capacidade fundamental	9
O gênero textual artigo de opinião	11
O que é uma sequência didática?	13
O desenvolvimento de uma sequência didática do gênero artigo de opinião ...	15
Relatos dos estudantes	27
Conclusão	28
Referências	29
Sobre as autoras	31

Apresentação

 presente material didático integra o trabalho final da pesquisa “Sequência didática do gênero artigo de opinião no ensino médio: contribuições para o desenvolvimento de capacidades de argumentação dos estudantes”, do Programa de Pós-Graduação em Gestão e Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, defendida em 9 de fevereiro de 2026, perante banca composta pelas professoras Dr.as Rosália Maria Netto Prados, Maria de Fátima Ramos de Andrade e Ana Sílvia Moço Aparício.

Este material tem como foco a possibilidade de utilização do dispositivo metodológico da sequência didática, com base nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), para o ensino da produção de texto a partir do gênero artigo de opinião. Com esta proposta, buscamos fortalecer o ensino da produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, oferecendo orientações e sugestões para o trabalho, em sala de aula, com o gênero em questão, entendido como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades argumentativas. Assim, os alunos poderão não apenas se posicionar de forma autônoma e crítica, mas também compreender a função social do texto.

Para início de conversa, reconhecemos que nos comunicamos por textos, materializados em formas de gêneros discursivos, os quais, conforme Bakhtin (2011), constituem formas relativamente estáveis de enunciados compostos por finalidade comunicativa, estilo e conteúdo.

Nesse contexto, reconhecemos ainda a língua a partir de uma perspectiva sociointeracionista, ou seja, como instrumento de comunicação que utilizamos não apenas para nos comunicarmos, mas também para agir no mundo. Dessa forma, é necessário que o trabalho em sala de aula seja desenvolvido com metodologias alinhadas a essas concepções.

É nesse ponto que se insere a proposta de ensino de língua materna denominada sequência didática (SD), um dispositivo metodológico em que o ensino da produção de texto se desenvolve a partir dos gêneros textuais, de forma modular. Isso permite o trabalho com as várias dimensões textuais, possibilitando ao aluno compreender que o texto carrega uma função social e que, por meio dele, nos posicionamos. Assim, este material didático propõe o desenvolvimento de uma SD do gênero artigo de opinião, com foco nas capacidades argumentativas dos estudantes do ensino médio.

Para isso, o material está dividido da seguinte forma: primeiro, abordaremos o ensino da produção de texto no Brasil, desde as metodologias tradicionais até as orientações atuais de documentos oficiais. Em seguida, discutiremos a importância da argumentação como habilidade fundamental e intrínseca à vida social. Depois, apresentaremos o gênero textual artigo de opinião, considerando suas características e seus aspectos constitutivos. Na sequência, trataremos mais detalhadamente do que é uma SD, sua finalidade e a maneira como se desenvolve. Por fim, mostraremos como ocorreu o desenvolvimento de uma SD do gênero artigo de opinião com estudantes do ensino médio, no âmbito de uma pesquisa de mestrado na qual este material se fundamenta.

O ensino da produção de texto no Brasil

No Brasil, até o início dos anos 2000, o texto era utilizado como auxiliar para exercícios de leitura, produção textual e análise gramatical, conforme indicam Rojo e Cordeiro (2004). Isso fez com que o ensino da Língua Portuguesa se tornasse descontextualizado, já que se trabalhavam partes isoladas do texto, como, por exemplo, a análise de orações para classificação. Tal prática desconsidera o texto e o conjunto de relações que o envolve, isto é, sua relação com o contexto real de uso. Como consequência, de acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa 2022/2023), no Brasil apenas 50% dos alunos são capazes de compreender as finalidades e as formas de um texto quando precisam interpretá-lo.

Entretanto, a partir do final da década de 1990 e, no caso do ensino médio, no início dos anos 2000, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) representaram uma virada importante no pensamento sobre o ensino da língua materna, principalmente em relação à produção de texto, foco deste material didático. Os PCN orientaram — embora sem caráter normativo — o trabalho com a concepção sociointeracionista de língua. Essa perspectiva considera o contexto extraverbal como elemento intrínseco ao uso da língua; em outras palavras, não existe língua sem seu contexto real de uso.

“O processo de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa deve basear-se em propostas interativas de língua/linguagem, consideradas em um processo discursivo de construção do pensamento simbólico, constitutivo de cada aluno em particular e da sociedade em geral” (Brasil, 2000, p. 18).

Dessa forma, os PCN propuseram o trabalho com os gêneros textuais como objetos de ensino, e não mais como simples auxiliares para a abordagem de outros conteúdos. Essa orientação significou um avanço importante, pois passou a reconhecer e a trabalhar o texto em suas múltiplas dimensões.

Nos anos seguintes, percorreu-se um longo caminho até a elaboração e a consolidação de um documento que não apenas servisse de base para o desenvolvimento de currículos escolares em todo o país, mas também estabelecesse a formação necessária a todo estudante da educação básica. Assim, em 2017, para o ensino fundamental, e em 2018, para o ensino médio, surge a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, a BNCC mantém o gênero textual como objeto de ensino, seguindo a perspectiva de Bakhtin ao reconhecê-lo como mediador da língua. No entanto, vai além ao considerar não apenas o contexto real de uso, mas também as formas de circulação social da língua, isto é, as práticas de linguagem: leitura, produção de texto, oralidade, análise linguística e semiótica.

“Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses” (Brasil, 2018, p. 67).

Como vimos, o tratamento dado ao texto sempre dependeu da maneira como ele foi concebido. A princípio, ele era entendido como mero auxiliar, um modelo do qual se extraíam análises morfosintáticas e estímulos à leitura e à escrita. Depois de um longo percurso, passou a ser compreendido como instrumento mediador da comunicação e, portanto, indispensável como objeto de ensino da língua materna. Compreender essa evolução é fundamental para que nós, professores, possamos colocar o gênero textual no centro de nossas práticas.

Argumentar: uma capacidade fundamental

A argumentação é uma tipologia textual cuja principal finalidade é a defesa de um ponto de vista sobre determinado assunto. Para Barbisan (2007), argumentar é algo inerente às relações humanas. Por isso, seu estudo remonta a tempos antigos, sendo Aristóteles, em sua obra *Retórica*, um dos primeiros a sistematizar essa habilidade na Grécia Antiga. Nessa obra, o filósofo apresenta os meios de persuasão adequados a cada contexto em que o orador transmite sua mensagem.

Ao longo da história, outras teorias e concepções surgiram na tentativa de explicar e organizar a argumentação, como a de Perelman e Olbrechts-Tyteca, que, no século XX, ampliam a concepção aristotélica de persuasão e passam a considerar a adesão do auditório a uma ideia. Mais recentemente, Oswald Ducrot, por meio da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), defende que a própria língua já é argumentativa e que o sentido do discurso se constrói por meio das relações pragmáticas e semânticas da língua.

“[...] o sentido só se constrói por empréstimo do contexto, mas essa construção ‘pragmática’ do sentido é dirigida pelo valor propriamente linguístico das palavras que se deve interpretar” (Ducrot, 2013, p. 11).

Portanto, podemos afirmar que a capacidade de argumentar é fundamental a qualquer pessoa, uma vez que vivemos em uma sociedade na qual discursos se perpetuam, se cruzam e se sobrepõem. Conforme indica Fiorin (2018), a língua, enquanto instrumento de comunicação, reproduz discursos que representam formações ideológicas. Diante disso, precisamos saber identificar tais discursos, assim como nos posicionar criticamente perante eles.

Nesse contexto, a função da escola, em relação aos alunos do ensino médio, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), é promover o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo. Argumentar é pensar crítica e autonomamente. Sendo assim, desenvolver e aprimorar essa habilidade em nossos alunos é essencial para que, tanto agora quanto futuramente, eles ajam como cidadãos conscientes de seus próprios discursos e dos discursos do outro. Essa consciência se inicia na sala de aula, pois é por meio do desenvolvimento das capacidades argumentativas que os estudantes aprendem a absorver, interpretar e contestar as informações que consomem. Afinal, vivemos em uma sociedade cada vez mais tecnológica, em que inúmeras informações são lançadas a todo momento nas redes sociais frequentadas pelos estudantes.

O gênero textual artigo de opinião

Para início de conversa, precisamos compreender o que é um gênero discursivo. Neste material didático, concordamos com Bakhtin (2011), para quem os gêneros discursivos são formas relativamente estáveis de enunciados que utilizamos para nos comunicar.

“Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 2011, p. 261).

Quando passam a integrar o ambiente escolar, esses enunciados tornam-se gêneros textuais, uma vez que não chegam à escola tal como circulam nas diversas esferas comunicativas. De acordo com Dolz e Schneuwly:

“[...] o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instituição, cujo objetivo primeiro é precisamente este” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 81).

Para os autores, os gêneros do discurso passam por um processo de modelização didática, pois os professores os trabalham a partir de suas dimensões ensináveis, isto é, destacam determinadas características, sem necessariamente abranger outras. Assim, em sala de aula, trabalhamos com gêneros textuais. Nesse cenário, o artigo de opinião, pertencente à tipologia argumentativa, define-se como um gênero textual cuja finalidade é defender um ponto de vista acerca de um assunto socialmente relevante. Em termos gerais, sua estrutura costuma dividir-se em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Na introdução, o articulista contextualiza o assunto e apresenta a tese que será defendida. No desenvolvimento, utiliza argumentos estruturados por meio de estratégias argumentativas, como fatos, evidências, dados, vozes de autoridade e apelos emocionais, entre outros. Na conclusão, apresenta uma proposta de solução ou retoma e reforça a tese defendida.

“Essa estrutura do artigo de opinião não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros, a fim de facilitar os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensino-aprendizagem” (Boff; Köche; Marinello, 2009, p. 6).

Contudo, outros movimentos são importantes para que o artigo de opinião cumpra sua finalidade. Um deles é a articulação entre as ideias do texto, feita por meio de operadores argumentativos, já que a qualidade da defesa da tese também depende da forma como os argumentos são organizados, de maneira a manter a coerência e a coesão. Além disso, a utilização de verbos no presente do indicativo e de uma linguagem mais formal também contribui para o efeito persuasivo desse gênero. Segundo Bordim, Pinton e Schmitt (2023, p. 46), “O importante é estabelecer as relações lógico-semânticas de forma adequada”. Em suma, o artigo de opinião é um gênero textual que, quando trabalhado com os estudantes, pode auxiliá-los no desenvolvimento de suas capacidades argumentativas, dado que exige não apenas o reconhecimento, mas também a construção de um posicionamento crítico por parte do aluno. Ademais, transforma a língua em instrumento de ação.

O que é uma sequência didática?

A sequência didática é um dispositivo metodológico para o ensino da língua materna, definido por Bernard Schneuwly e Joaquim Dolz (2004, p. 97) como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Tal abordagem possibilita dividir o ensino da produção de texto em módulos interdependentes, permitindo, assim, o trabalho com o texto em suas diferentes dimensões.

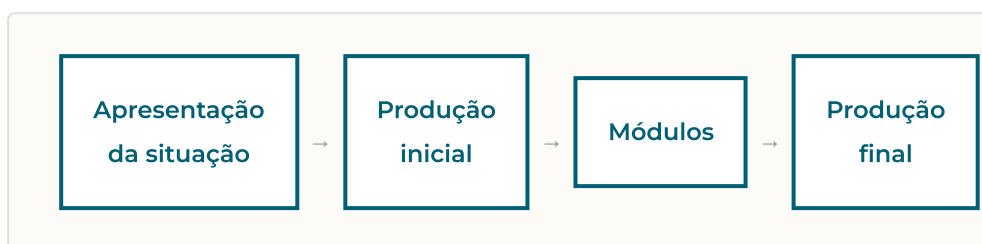


Figura 1 – Estrutura básica de uma sequência didática.

Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

De modo geral, o primeiro movimento, a apresentação da situação, é realizado para que os alunos tenham contato com a situação comunicativa em que o gênero textual será produzido. Isto é, para que saibam qual é o gênero textual escolhido, o tema, o público-alvo, a finalidade comunicativa, entre outros aspectos que o professor julgar necessários. O segundo movimento, a produção inicial, tem objetivo diagnóstico, pois os alunos produzem um texto de acordo com aquilo que conhecem sobre o gênero escolhido. Esse momento é importante porque permite ao professor identificar as capacidades e as dificuldades dos alunos e, então, desenvolver os próximos passos a partir daí.

O terceiro movimento, os módulos, tem por finalidade o desenvolvimento de atividades voltadas às necessidades reveladas na produção inicial. Essa etapa é essencial, pois constitui o caminho que os alunos percorrem entre o primeiro e o último movimento dessa metodologia. Por fim, o quarto e último movimento, a produção final, corresponde ao momento da reescrita da produção inicial. Com base no que foi trabalhado nos módulos e no modelo escrito da primeira produção, os alunos reescrevem o texto, considerando tudo o que passaram a saber acerca do gênero escolhido. Portanto, a sequência didática é uma metodologia desenvolvida junto com os alunos, já que o professor não chega com atividades prontas e simplesmente as aplica; ao contrário, leva em conta tanto o que o aluno já sabe quanto aquilo em que apresenta dificuldades, fazendo dessa abordagem um processo aberto e flexível e, conseqüentemente, viabilizando um trabalho autônomo de construção do conhecimento.

O desenvolvimento de uma sequência didática do gênero artigo de opinião

Antes do desenvolvimento de uma SD, é preciso estabelecer um modelo didático do gênero que será trabalhado. Para isso, é necessário modelizar o gênero, isto é, estabelecer as dimensões que serão ensinadas, pois, como já mencionado, os gêneros que entram na escola não são necessariamente idênticos aos que circulam nas esferas comunicativas. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p. 88), a modelização didática do gênero deve orientar-se para variações menos “belicosas” e construir um gênero escolar que enfatize dimensões potenciais, ainda que pouco manifestas nos protótipos mais reconhecidos.

Capacidade de Ação:

a) produtor emissor e enunciador do gênero artigo de opinião; b) a esfera de produção de circulação; c) os leitores (receptores) do artigo de opinião; d) os veículos de circulação.

Capacidade Discursiva:

a) Título; b) questão polêmica; c) ponto de vista (tese); d) argumento; e) contra-argumentos (exemplos, pesquisas, dados)

Capacidade linguístico-discursiva:

a) retomada textual; b) organizadores textuais; c) norma culta da língua

Fonte: Castellani e Barros (2018, p. 212).

Para a SD desenvolvida na investigação que fundamenta este material, utilizou-se o modelo didático de Castellani e Barros (2018), no qual também se consideram as capacidades de linguagem. Após isso, outro passo importante é a criação de uma grade de avaliação, pois, para compreender as dificuldades e as capacidades dos estudantes, é necessário deixar claro o que está sendo avaliado. Segundo Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 61), “O professor encontra os meios para conhecer profundamente as capacidades e as deficiências do aprendiz para guiar seu ensino de uma forma melhor”.

Critérios Avaliativos
Finalidade: defende um ponto de vista?
Estrutura: Contextualiza o assunto e introduz a posição do autor?; Desenvolve a opinião por meio de argumentos? Conclui o assunto propondo uma solução ou ratificando a tese?
Apresenta evidências ou fatos? Utiliza apelos emocionais? Antecipa ou refuta contra-argumentos?; Usa operadores argumentativos para estabelecer relações lógico-semânticas?
A linguagem é formal? Usa o tempo verbal de modo adequado, como o presente do indicativo?
pontuação, concordância, regência, ortografia, organização de parágrafos, frases, entre outros.

Após esses dois movimentos, iniciou-se o desenvolvimento da SD junto com os alunos.

Apresentação da situação

Neste primeiro momento, os alunos organizaram as carteiras da sala em círculo para que fosse possível realizar uma sondagem de seus conhecimentos sobre o artigo de opinião. Para isso, perguntou-se o que era um artigo de opinião, para que servia e qual era o contexto de circulação desse gênero. As respostas foram variadas, mas, de maneira geral, a maioria entendia tratar-se de um texto em que “a gente expressa uma opinião”. Em seguida, discutiu-se o público-alvo, ou seja, para quem eles gostariam de escrever o artigo de opinião. Inicialmente, escolheram três públicos-alvo: governo (sem esfera especificada), família e escola. Após votação, chegaram ao consenso de que o texto seria dirigido à escola, mais especificamente aos professores da turma. A última escolha foi o tema, definido como “melhoria das aulas”. Assim, ficou decidida, conjuntamente com os alunos, a situação de produção do artigo de opinião que seria escrito.

Primeira produção

Esse momento demandou duas aulas. Solicitou-se que os alunos escrevessem um artigo de opinião sobre a temática escolhida, com base nos conhecimentos que possuíam acerca do gênero. Por se tratar de uma etapa diagnóstica, não houve interferência nos textos produzidos, já que é a partir dessa produção que se busca compreender o que os alunos sabem e o que ainda precisam aprender. Após a finalização e a análise das produções, constatou-se que a maioria dos estudantes ainda não possuía familiaridade com o artigo de opinião, pois muitos escreveram textos que se aproximavam de comentários sugestivos, e não da defesa de um ponto de vista. Com esse diagnóstico, iniciaram-se as atividades dos módulos.

Módulos

Os módulos foram desenvolvidos em 17 aulas, divididos em 5 partes.

Parte	Objetivo	Atividades
Parte 1 — O que é o gênero artigo de opinião?	Identificar as características composicionais do gênero	Leitura de exemplares de artigos de opinião; discussão sobre tema, público-alvo e finalidade; identificação de introdução, desenvolvimento e conclusão.
Parte 2 — Como se organiza a argumentação?	Compreender a estrutura argumentativa do gênero	Análise de teses e argumentos; identificação de estratégias argumentativas, como fatos, exemplos e depoimentos.
Parte 3 — O uso dos operadores argumentativos	Utilizar operadores para estabelecer relações lógicas entre as ideias	Exercícios de identificação e uso de conjunções e advérbios argumentativos.
Parte 4 — A linguagem no artigo de opinião	Empregar marcas linguísticas adequadas ao gênero	Estudo do presente do indicativo e do uso da primeira ou terceira pessoa.
Parte 5 — Planejamento da escrita	Planejar a reescrita do artigo de opinião	Organização das ideias e dos argumentos para a produção final.

Para essas atividades, optou-se pelo trabalho em grupo, a fim de tornar o processo mais prático e produtivo. Nessa configuração, os alunos se auxiliam mutuamente, e o professor reduz o número de atendimentos individuais — muitas vezes voltados às mesmas dúvidas —, o que possibilita um acompanhamento mais próximo e mais focado na evolução da turma.

DICA: Peça que os alunos anatem no caderno os conteúdos, comentários e observações trabalhados, pois isso pode ajudá-los posteriormente, no momento de reescrever o primeiro texto produzido.

Produção final

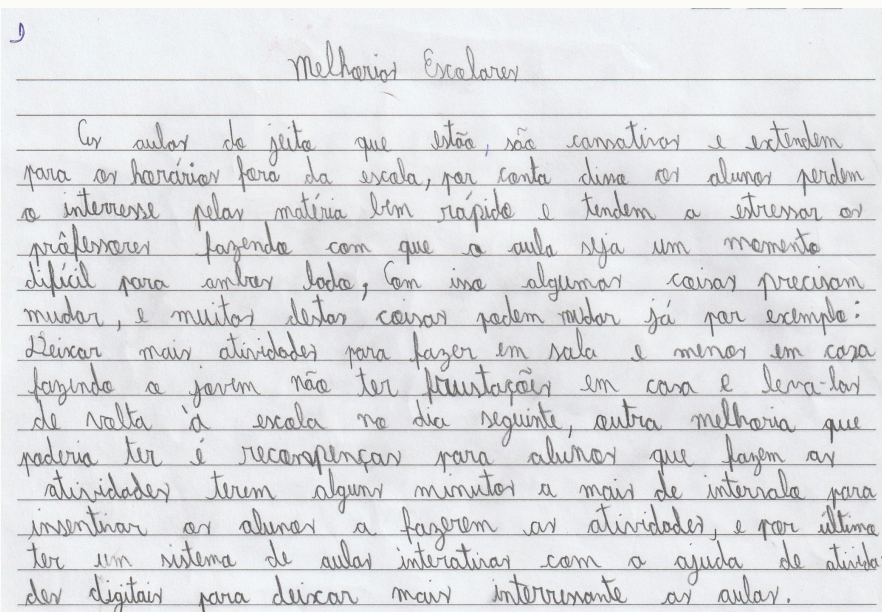
Após as atividades desenvolvidas ao longo das aulas anteriores, os textos produzidos na primeira etapa foram devolvidos aos alunos, que foram convidados a reescrevê-los, levando em conta tudo o que havia sido trabalhado durante os módulos. Também se solicitou que observassem, em seus primeiros textos, quais características ainda não haviam sido contempladas.

DICA: É importante que os alunos analisem a primeira produção e consigam identificar o que faltou, o que pode ser melhorado e o que foi realizado adequadamente.

Posteriormente, realizou-se nova análise das produções, com base na mesma grade de avaliação utilizada na produção inicial, e os resultados foram bastante positivos, pois os alunos passaram de comentários sugestivos à defesa de um ponto de vista. Os novos textos contemplaram a estrutura, as estratégias argumentativas e elementos linguísticos típicos do artigo de opinião. Seguem a análise de três textos:

Produção inicial – estudante A

De modo geral, a produção inicial do estudante A evidencia dificuldades relacionadas à construção da tese, ao desenvolvimento argumentativo e à organização textual. A identificação de tais dificuldades confirma o diagnóstico inicial que fundamenta a proposta da sequência didática, uma vez que, conforme indicam Dolz e Schneuwly (2004), a produção inicial cumpre justamente a função de revelar os conhecimentos prévios dos estudantes e orientar o trabalho pedagógico a ser desenvolvido nos módulos de atividades.



9

Melhorias Escolares

As aulas de jeito que estão, são cansativas e estendem para os horários fora da escola, por conta disso os alunos perdem o interesse pela matéria bem rápido e tendem a estressar os professores fazendo com que a aula seja um momento difícil para ambos lados, com isso algumas coisas precisam mudar, e muitos destas coisas podem mudar já por exemplo: deixar mais atividades para fazer em sala e menos em casa fazendo a serem não ter pressões em casa e leva-las de volta à escola no dia seguinte, outra melhoria que poderia ter é recompensas para alunos que fazem as atividades terem alguns minutos a mais de intervalo para incentivar os alunos a fazerem as atividades, e por último ter um sistema de aulas interativas com a ajuda de aplicativos digitais para deixar mais interessante as aulas.

Produção final – estudante A

Na produção final, o estudante A demonstrou avanços em sua capacidade de argumentação, uma vez que produziu um texto adequado ao contexto de comunicação definido na etapa de apresentação da situação. No que diz respeito à estrutura textual, a nova produção passou a contemplar introdução com contextualização do tema, defesa da tese com uso de argumentos e conclusão. Em relação às estratégias argumentativas, o estudante A passou de uma lista de sugestões à defesa de um ponto de vista sustentado por evidências e/ou fatos. Além disso, articulou as ideias com o uso de operadores argumentativos, criando relações semânticas mais claras no texto.

2

Melhorias das Aulas

Quando falamos de aulas e escola muitos alunos não gostam do sistema atual, isso mostra que poderia haver algumas mudanças nas aulas para manter a atenção e a vontade dos alunos durante as aulas, pois no momento muitos estudantes acham as aulas entediantes, porém eles tem algumas soluções para esse problema.

As soluções para essa questão de aulas tediosas pela perspectiva dos alunos seriam: Primeiramente, foi feito um teste na Finlândia onde foi comprovado que aulas com computadores e (no nesse caso) elas de laboratório de informática se executadas da forma correta deixam os alunos mais focados na lição e no conteúdo. Outra opção vista foi que em escolas nas quais diminuíam as lições feitas em casa aumentaram a produtividade dos estudantes, pois muitos deles não dormiam direito por causa das lições assim sendo eles ficaram com sono no dia seguinte durante o horário de aula, depois de fim das lições os alunos ficaram com maior desempenho nas salas de aula.

Para finalizar vou relembrar que a produtividade escolar está caindo por causa que os alunos não gostam das aulas, então para melhorar a período letivo poderíamos adicionar mais aulas de laboratório e focar mais em lições em sala e menos em lições em casa.

Produção inicial – estudante B

A produção inicial do estudante B mostra que ele já possuía boa capacidade argumentativa em relação à construção textual e ao desenvolvimento da argumentação, pois defendia um ponto de vista e seguia, em linhas gerais, a estrutura típica do artigo de opinião. Entretanto, o estudante B ainda apresentava dificuldades no que se refere à organização argumentativa, pois os argumentos que sustentavam sua tese apresentavam certa confusão. A constatação dessas capacidades e dificuldades confirma, mais uma vez, a importância da produção inicial para o desenvolvimento da SD como etapa diagnóstica que auxilia na elaboração de atividades focadas nas necessidades dos estudantes.

Como tornar as aulas mais atrativas a perspectiva dos alunos.

A necessidade de novas estratégias de ensino tem tomado maiores proporções conforme mais se nossa sociedade evolui, e os valores mudam conforme o tempo passa. O ensino, que acabou esta ignorado, precisa sair do tradicional para chamar a atenção dos estudantes.

Dados do Instituto Península (2021) revelam que 88% de professores desejam e necessitam de uma maior formação para utilizar tecnologias em sala de aula, essa deficiência acaba dificultando as conexões com os alunos e a prática de aulas ativas. Além disso, os autores do livro "Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora", defendem que aulas práticas e envolventes contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia.

Então, é possível concluir que para uma melhoria de ensino não depende apenas do conteúdo, mas também de como ele é apresentado para se tornar mais interessante. Em minha opinião para um início e melhor começo com aulas práticas, mas ainda sem tecnologias envolvidas.

Produção final – estudante B

Na produção final, o estudante B, que já demonstrava sólida compreensão tanto da estrutura textual quanto do desenvolvimento argumentativo, superou a dificuldade na organização lógica dos argumentos. Isso reduziu as contradições entre a tese defendida e os fatos mobilizados, não apenas pela modificação do segundo argumento utilizado, mas também pela criação de uma relação mais clara entre ele e o primeiro, além de uma conclusão mais consistente.

Como os alunos vêem as aulas interativas.

A qualidade do ensino está relacionada à forma como as aulas são conduzidas. Com o mundo cada vez mais digitalizado e com os valores mudando conforme o tempo passa, o ensino precisa sair do tradicional e inovar.

Dados do Instituto Península (2024) revelam que 88% dos professores necessitam de uma maior formação para utilizar tecnologias em sala de aula, essa deficiência dificulta a conexão com os valores e a prática de aulas ativas. Contudo, não é somente a tecnologia que chama a atenção dos alunos, já que alguns deles relatam que preferem aulas com atividades em grupo, como debates e jogos.

Então, é possível concluir que para uma melhoria do ensino não depende apenas do conteúdo, mas de que recursos são utilizados para tornar a aprendizagem mais interessante.

Logo, de início seria melhor começar com condições de aulas mais interativas, mas sem a aplicação da tecnologia, já que ainda não temos profissionais adequados para isso.

Produção inicial – estudante C

A produção inicial do estudante C revela problemas relacionados à estrutura e à organização textual, já que apresenta um único parágrafo, além de fragilidades no desenvolvimento de uma tese argumentativa, substituída por uma lista de sugestões de mudanças. O reconhecimento de tais problemas ratifica a importância do diagnóstico inicial para que o professor possa intervir de maneira mais precisa, de acordo com Dolz e Schneuwly (2004).

Como tornar as aulas mais atrativas

A principal coisa que poderia ser feita é punir os alunos que mal educados e que atrapalham a aula, para ter um clima mais educacional e menos insuportável e chato, outra coisa que poderia ajudar é ter mais aulas práticas em que o aluno participa da aula com mais frequência, deixando a aula mais interativa e fácil de acompanhar e também adicionar jogos interativos que ensinam a matéria e o conteúdo que está sendo apresentado, deixando a aula mais divertida.

Produção final – estudante C

Na produção final, o estudante C demonstrou uma evolução significativa em sua capacidade argumentativa, pois passou de uma lista de sugestões para um artigo de opinião. Em relação à estrutura, o novo texto apresentou a composição típica do gênero: introdução, desenvolvimento e conclusão. No plano argumentativo, passou a mobilizar evidências na defesa de um ponto de vista. Entretanto, o uso dos operadores argumentativos ainda se mostra limitado e repetitivo, além da permanência de algumas inadequações linguísticas e gramaticais.

"O principal problema nas salas de aula"

Nossas aulas sofrem de um grande problema de alunos mal educados que atrapalham a aula e desconhecem o professor, fazendo ele se concentrar em dar uma bronca nos alunos ao invés de ter a sua total atenção na aula, isso é um problema que não afeta só o professor, o aluno que tem o interesse de aprender enfrenta uma competição de atenção entre professor e alunos desordeiros, fazendo o aluno responsável perder a concentração na aula e isso tem que parar urgentemente.

Eu acredito que as aulas podem voltar a funcionar, se os alunos que atrapalham a aula fossem punidos caso eles desobedecerem algumas regras que os professores estabelecerem. Essas regras podem ser feitas junto com os alunos para criar um comprometimento maior com as regras estabelecidas, segundo o site PUCAS online, algo que pode ajudar também é estabelecer horários específicos para atividades especiais, como poder mexer no celular de pois da aula caso tenha um bom comportamento e sempre usar pequenos incentivos ao seguir as regras, como sair mais cedo no final da aula, esses pequenos gestos podem melhorar o ambiente e deixar aulas muito melhores.

Em resumo a educação nas salas de aula são coisas muito importantes que devem ser preservadas, alunos desrespeitosos devem saber a devida punição para não atrapalhar a aula, não necessariamente punições severas, mas punições que fazem eles manterem o respeito nas aulas.

Relatos dos estudantes

Após a finalização do desenvolvimento da sequência didática, solicitou-se aos alunos que tiveram seus textos analisados a escrita de um pequeno relato sobre como foi participar de todo o processo. A seguir, os comentários de dois estudantes.

Estudante A: “Minha experiência com textos dissertativo-argumentativos era pequena; eu não sabia por onde começar quando fiz o primeiro texto. Porém, com o decorrer das aulas, comecei a entender como o gênero textual funcionava. Por conta dessas aulas, consegui escrever o texto final com mais clareza e compreender como usar sua estrutura para dar coerência ao meu texto.”

Estudante B: “Quando escrevi meu primeiro artigo de opinião, me senti perdida e insegura. Mesmo conhecendo a estrutura básica, não conseguia organizar minhas ideias de forma clara. Fiquei travada, sem saber por onde começar ou quais argumentos usar, o que tornou o processo cansativo e frustrante. Depois que a professora me deu direcionamento, com exemplos, dados e orientações sobre como argumentar, ficou muito mais fácil; fui capaz de desenvolver minhas ideias com mais clareza e organização.”

Conclusão

Em síntese, a comparação entre as produções iniciais e finais mostra que os estudantes demonstraram avanços e melhorias significativas em suas capacidades de argumentação, dado que as produções finais se mostram mais adequadas à situação de produção apresentada no primeiro movimento da sequência didática. Em outras palavras, os estudantes passaram a produzir textos efetivamente correspondentes ao gênero artigo de opinião, considerando finalidade comunicativa, estrutura textual, estilo, linguagem e aspectos linguístico-gramaticais.

Esses resultados demonstram que o trabalho com a sequência didática do gênero textual artigo de opinião contribuiu de maneira efetiva para o desenvolvimento das capacidades argumentativas dos estudantes, uma vez que viabiliza um trabalho modular que permite ao aluno identificar, em seu próprio texto, aquilo que falta, aquilo que já domina e aquilo que ainda pode ser aprimorado.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARBISAN, Leci Borges. Uma proposta para o ensino da argumentação. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 42, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/2415>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file>.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Nota sobre o Brasil no Pisa 2022*. Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2022/pisa_2022_brazil prt.pdf.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL*, v. 7, n. 13, p. 1-12, 2009.

BORDIM, Caroline Teixeira; PINTON, Francieli Matzenbacher; SCHMITT, Rosana Maria. *Produzindo artigo de opinião*. Coleção “Produzindo gêneros textuais na escola”. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 61 p. E-book.

CASTELLANI, Rithielle Aparecida; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Modelo teórico/didático do gênero artigo de opinião: ferramentas para análise do gênero. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 196-214, maio/ago. 2018.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabrício. *Produção escrita e dificuldade de aprendizagem*. Adaptação de Joaquim Dolz e Fabrício Decândio. Tradução de Fabrício Decândio e Anna Rachel Machado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

DUCROT, Oswald. A pragmática e o estudo semântico da língua. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 40, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/13721>.

FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. 1. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glais Sales. Apresentação: gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de refletir. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 7-18.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004. p. 71-93.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

Sobre as autoras

Vitória Maria Vieira Silva

Possui graduação em Letras – Português e especialização em Gramática e Texto da Língua Portuguesa pela Universidade Nove de Julho (Uninove); mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS). Atualmente, é professora do Colégio Universitário USCS.

E-mail: vitoriamariasilva92@gmail.com

Ana Sílvia Moço Aparício

Possui graduação em Letras, mestrado e doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio sanduíche em Didática da Língua Materna no LIDILEM (Laboratoire de Linguistique et Didactique des Langues Étrangères et Maternelles), da Université Stendhal Grenoble 3, na França, e pós-doutorado em Educação pela Fundação Carlos Chagas. Tem experiência docente em cursos de graduação e pós-graduação em Pedagogia e Letras, nas áreas de Linguística Aplicada, Alfabetização, Ensino de Língua Portuguesa e Didática da Língua Materna. Também tem experiência em Educação a Distância, como tutora e autora de material didático. Atualmente, é professora do curso de Pedagogia e do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (SP). É editora da Revista de Estudos Aplicados em Educação. Desenvolve pesquisas sobre formação de professores da educação básica, inovação no ensino da língua portuguesa, didática da língua materna, letramento, multiletramentos e desenho universal para a aprendizagem.

E-mail: anaparicio@uol.com.br